

# Um romance-atitude

Gustavo Ramus\*

## Liev Tolstoi

*Ressurreição*. Tradução de Rubens Figueredo.  
São Paulo, Cosac Naify, 2010, 429 pp.

O escritor russo Liev Tolstoi (1828-1910) abdicou dos direitos autorais de suas obras e isso gerou uma infundável disputa entre seu amigo Tchertkóv e sua mulher Sofia Andreivna. Entretanto, nos últimos anos do século XIX, alguns acontecimentos políticos fizeram com que Tolstoi recuperasse o controle dos direitos autorais de suas obras. E que destino dar a eles?

Em 1894, o czar Nicolau II assumiu o Estado e, em seu primeiro ato, ordenou um juramento de lealdade de todos os seus súditos. Os *dukhobors* (lutadores do espírito) era um grupo de cristão que apareceu no século XVII, e recusaram esta fidelidade. O cristianismo por eles praticado seguia um vetor oposto ao da Igreja Ortodoxa, aliada do Estado Imperial Russo. Viviam de maneira misantrópica, negavam o Estado, a propriedade, o dinheiro, a igreja, e não tinham a Bíblia como fonte de revelação; eram adeptos do vegetarianismo e do pacifismo; estabeleceram um estilo de vida comunitário e igualitário; não possuíam documentos e não serviam ao exército.

Pelo ato de desobediência civil, negando o juramento de lealdade e o alistamento no exército, alguns destes jovens foram desterrados na Sibéria. Em junho de 1895, protestaram queimando as armas utilizadas no ataque aos montanhese nômades, ato interpretado como rebelião. A maioria sofreu severas represálias: espancamentos pelas autoridades russas, confisco de terras, saques de suas casas e seus líderes acabaram presos. Aproximadamente sete mil *dukhobors* foram exilados em aldeias remotas, e cerca de quatrocentos deles morreram de frio e de fome.

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, bolsista CNPq e pesquisador no Nu-Sol. E-mail: gustavoramus@yahoo.com.br

Tolstoi, que mantinha contato com os *dukhobors* há muito tempo, empenhou-se em ajudá-los. Após inúmeras tentativas, o governo russo finalmente autorizou a emigração de dez mil *dukhobors* para terras oferecidas pelo Canadá. Era preciso levantar dinheiro para as despesas com passagens e as novas instalações. Tolstoi organizou uma campanha, porém o dinheiro obtido com as doações foi insuficiente. Diante dessa situação, o escritor russo decidiu ceder os direitos autorais de uma novela inédita. Inicialmente, pensou em publicar *Padre Sérgio*, entretanto, preferiu guardá-la e trabalhar em *Ressurreição*, cujo tema era o mais condizente com a ocasião.

A partir desse episódio, Tolstoi compromete-se na defesa não só dos *dukhobors*, mas também de outros grupos reprimidos por sustentarem uma fé contrária à Igreja Ortodoxa russa, como os *molokáni*, que, por não reconhecerem o poder do czar, tiveram as suas crianças recolhidas pelo governo, para que a doutrina não tivesse continuadores.

Para a elaboração de *Ressurreição*, Tolstoi realizou uma intensa pesquisa, frequentou tribunais, visitou prisões, conheceu juízes e juristas, constatou as condições de vida dos presos e entrevistou alguns prisioneiros. Estudou os tratados de direito e criminologia, inteirou-se do sistema penitenciário e da prostituição. Reproduziu em seu romance o discurso sobre a importância atribuída ao julgamento para a salvação da sociedade de individualidades patológicas, livrando-a do contágio com indivíduos perigosos. O resultado redundou em uma descrição detalhada das instituições e suas cerimônias, em contundentes críticas aos conceitos frequentemente utilizados pelos tribunais daquela época, como hereditariedade, criminalidade congênita, decadentismo, darwinismo, e aos seus intelectuais de renome como Charcot, Tarde, Garofalo, Ferri, Maudsley e Lombroso.

Tolstoi apresenta e escancara a situação política da Rússia no final do século XIX. Entrecruza em alguns marcantes acontecimentos históricos – como o fim da escravidão em 1861, o assassinato do imperador Alexandre II em março de 1881, a existência de movimentos revolucionários nas décadas de 1860 a 1880 –, a atuação da Igreja Ortodoxa russa e sua dedicação aos fiéis que consistia em dar votos de prosperidade ao czar e à sua família durante as missas.

*Ressurreição* é considerada uma das melhores obras do escritor russo. O romance, além de extravasar o talento literário de Tolstoi, apresenta traços de seu anarquismo, desdobrando-se em crítica à sociedade, suas

estruturas de poder e instituições políticas, e à superficialidade da aristocracia russa.

Trata-se da história de um homem que, ao ser convocado para ser júri, reencontra um amor do passado no banco dos réus e assiste sua condenação. Ao discordar da sentença proferida pelo tribunal, inicia uma longa jornada para tentar inocentá-la. Enquanto envolve-se com o caso, depara-se com processos e mais processos semelhantes. Tolstoi remete, consecutivamente, o leitor às práticas da justiça voltadas para garantir o privilégio de poucos para manter intacta a ordem da sociedade, na qual os tribunais e as prisões têm a função de manter a ordem.

A todo instante Tolstoi contrapõe as formas de poder e os costumes da alta sociedade com os princípios cristãos, consolidando sua interpretação radical do cristianismo e aproximando-o da perspectiva libertária. Durante uma viagem, Nekhliúdob, o protagonista do romance, conhece um ancião intrigante que afirmava não ter crença, pois todas elas louvavam a si mesmas; se existia um único espírito, e este habitava em todos, bastava que cada um cuidasse exclusivamente de si mesmo. Por tais afirmações, era constantemente preso e respondia: “Do jeito que perseguiram Cristo, assim também me perseguem. Pegam e me arrastam pelos tribunais, pelos popes, pelos escribas, pelos fariseus, e me prendem; chegaram a me meter num asilo de malucos. Só que não podem fazer nada comigo, porque sou livre. ‘Como se chama?’, me perguntam. Pensam que vou aceitar um nome para mim. Só que não aceito nenhum. Reneguei tudo: não tenho nome, nem endereço, nem pátria: não tenho nada. Eu sou eu mesmo. Como é que me chamam? Homem. ‘E qual é a sua idade?’ Digo: Eu não conto, e é até impossível contar, porque eu sempre fui e sempre vou ser. ‘Quem são seu pai e sua mãe?’, perguntam. Não, eu respondo, eu não tenho pai nem mãe, a não ser Deus e a terra. Deus é o pai, a terra é a mãe. ‘E o czar, você reconhece?’, perguntam. Ele é o czar de si e eu sou o czar de mim. ‘É impossível conversar com você’, dizem. E eu digo: Não pedi para conversar com vocês.” (p. 403). Ao reaparecer no final do romance, no interior de uma prisão, refere-se aos policiais e carcereiros como anticristos.

*Ressurreição* é um romance político de combate às práticas dos tribunais e à existência das prisões, seus vínculos com a propriedade e com os órgãos institucionais. Emergiu como resposta a uma situação limite. Mais do que um romance, foi uma atitude diante do poder de Estado.